

JURUPITA, REPOLHO E AMENDOIM TORRADO

JURUPITA é um aluno de uma sexta-série do Colégio Flor de Maio. É um pré-adolescente de doze anos, magriço, cabelos escorridos e longos. Deixa sempre a franja mal ajeitada sobre a testa. Jurupita está naquela fase em que se acha o gostosão, o docinho do coco do pedaço. Anda gingando o corpo e sempre preocupado em ajeitar os cabelos, jogando a cabeça para trás como forma de se livrar da incômoda franja. Está sempre mascando chiclete com o canto da boca, de um jeito barulhento que dá até nojo, porque sempre acumula saliva nos cantinhos da boca, os quais ele limpa gostosamente com a ponta da língua.

Outro dia, Jurupita estava numa aula de Geografia e sentiu que seus intestinos estavam numa verdadeira revolução. Sentia que algo quente corria pelas suas tripas, fazendo um barulho parecido com aquele tipo de trovão que vem das nuvens mais distantes. Lembrou-se, então, que, no almoço, havia abusado do repolho refogado que a mãe fizera. E, como se não bastasse, comeu meio quilo de amendoim torrado logo após o jantar.

Bom, desculpe-me leitor, esqueci de dizer que o nosso Jurupita era um boca nervosa. Comia o que via pela frente e, não raro, tinha a pança estufada pelos inevitáveis gases.

Quando o nosso herói percebeu que os trovões estavam se formando e que talvez desabasse uma tempestade em suas calças, resolveu pedir para o professor que o deixasse ir ao banheiro.

O comilão já saiu da sala apressado, naquela situação desconfortável: “se correr o bicho pega se ficar o bicho come”. Você, caro leitor, já deve ter passado por esta situação do Jurupita, em que você não sabe se é melhor andar rápido pro banheiro ou se é mais prudente ir devagar, mas com certeza de que vai dar tempo de fazer as coisas com a necessária higiene. Era assim que o nosso herói se sentia, talvez um pouco mais apavorado.

Mas, no meio do Pátio, Jurupita encontrou logo o diretor Hermenevaldo, que era baixinho, de óculos, com uma pronunciada calvície onde o sol do meio dia refletia como num espelho. O diretor, sempre querendo saber mais sobre os alunos que desfilam no pátio, perguntou de supetão:

- Hei, mocinho, onde vai com tanta pressa?

Jurupita suou frio, fechou os joelhos num enorme e heróico esforço, mas como nada podia dizer ao diretor, a tempestade intestinal disse por ele, emitindo um sonoro trovão.

O diretor assustado deu um salto tão repentino que seus óculos miúdos saltaram de seu avantajado nariz e vieram cair nas mãos de Jurupita, que todo atrapalhado resolveu segurá-lo. Ao soltar os braços para segurar os óculos do diretor, Jurupita deu aquela relaxadinha. Quando estendeu a mão para entregar os óculos ao diretor, nosso pobre herói já sentia uma umidade quente que lhe descia lentamente pelas coxas.

Suspirando aflito, saiu correndo, com os joelhos juntos, imitando um pato cansado, em direção ao banheiro. O diretor, ali sozinho no pátio, sentindo aquele cheiro de rua de feira, que ficou impregnando o pátio, exclamou para si mesmo:

- É é é! A coisa está feia para o tal de Jurupita! Acho melhor ligar para a mãe dele já!

(...)

BOM, MEUS CAROS E MALDOSOS ALUNOS DA QUINTA-SÉRIE,

Vocês sugeriram esse tema fedido. Desenvolvemos a historinha até esse ponto. Agora, o nosso Jurupita, está lá sofrendo sozinho no banheiro. Gostaria muito que vocês se colocassem na pele dele e fossem solidário com ele, pois o coitado já sofreu demais.

Então, mãos à obra, terminem nossa história, pois pretendemos rir muito com esse incrível final que vocês vão fazer. Mas, lembrem-se sejam cautelosos, não se apressem em emporcalhar o nosso herói. Narrem com detalhes que fica muito mais engraçado. Releiam, refaçam, reescrevam - que esses são os segredos do bom conto.